

## Comunicação Alternativa e Contradiscursos em Cuba: O caso do Observatório Crítico<sup>1</sup>

Alexei Padilla Herrera<sup>2</sup>

Elisa Beatriz Ramírez Hernández<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa problematizar sobre como as relações com a mídia hegemônica, suas práticas, a presença do popular e a interação com instituições dos sistemas social e político podem determinar o caráter alternativo das práticas e veículos comunicativos. À luz das mediações comunicativas da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2002) nos aproximamos das formas de comunicação alternativa em Cuba por meio da análise do *blog* da *Red Protagónica Observatorio Crítico (RPOC)*. Analisamos como no contexto cubano a apropriação das tecnologias de informação e as comunicações têm favorecido a emergência de veículos que concorrem como monopólio midiático do Estado, dando visibilidade a novos sujeitos, discursos e formas de ativismo.

**Palavras-chave:** mediações; comunicação alternativa e cidadania; tecnologias digitais; *Red Protagónica Observatorio Crítico*; Cuba.

### 1. Introdução

As mudanças ocorridas durante os últimos 25 anos (1990-2015) em Cuba têm configurado cenários diversos e complexos. Variadas formas de ativismo social, cultural e político têm emergido, algumas delas utilizam as possibilidades proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e das Comunicações (TIC). Este artigo tem como objetivo explorar as discussões teóricas em torno da comunicação alternativa, ponderando as contribuições realizadas por estudiosos latino-americanos como Jesús Martín-Barbero e Luis Ramiro Beltrán, entre outros.

Com esse propósito, consideramos que a teoria das mediações de Martín-Barbero é pertinente para problematizar sobre a comunicação alternativa em Cuba, já que oferece espaço para diversos atores se expressarem, atores esses que nem sempre encontram visibilidade na mídia hegemônica. A seguir, abordaremos como a socialização da internet na Ilha de Cuba tem favorecido o aparecimento de espaços que, pelo meio digital, contribuem para a visualização da pluralidade presente na sociedade civil cubana atual.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento que compõe o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com bolsa do PEC-PG/CNPq; Graduado em Comunicação Social pela Universidad de La Habana (2009); Especialização em Jornalismo Digital pelo Instituto Internacional de Periodismo José Martí (2011); e-mail: [alex6ph@gmail.com](mailto:alex6ph@gmail.com).

<sup>3</sup>Jornalista e pesquisadora cubana com especialização na área do Jornalismo para o Desenvolvimento no Indian Institute of Mass Communication (IIMC) de Nova Delhi (2013); Graduada em Jornalismo pela Universidad de La Habana (2011). Integrante da Unión de Periodistas de Cuba (UPEC) e da Asociación Cubana de Comunicadores Sociales (ACCS); email: [elisabeatriz88@gmail.com](mailto:elisabeatriz88@gmail.com).

Como objeto empírico foi escolhido o blog da *Red Protagónica Observatorio Crítico* (RPOC), no qual analisaremos como um grupo de ativistas cubanos se apropria dos recursos que a internet oferece para visualizar suas iniciativas e ideias, combinando suas ações online com o ativismo social no espaço público.

## **2. Mediações: iniciando o percurso**

Em *De los medios a las mediaciones* (1991) Martín-Barbero destaca o papel da cultura e da política na configuração dos processos e das instituições comunicativas e como todos esses elementos se tornam importantes mediadores durante o processo de transnacionalização do capital. Concordamos com Rocha (2012, p. 2) que Martín-Barbero não diz explicitamente o que ele está entendendo como mediações, mas consegue explicar que se trata dos “lugares dos quais provém, as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (MARTÍN-BARBERO, 1991 p. 233, tradução nossa), de forma que são também mediações: a mídia, os sujeitos, os gêneros, o ambiente familiar, social e a comunidade (ESCOSTESGUY, 2001, p. 101). Para Martín-Barbero (1991, p. 124) a cultura, a política e a própria comunicação são mediações da transnacionalização que hoje conhecemos como globalização.

A transnacionalização provoca uma redefinição da política, porque as fórmulas tradicionais não conseguem dar mais conta de explicar os conflitos mais complexos nem os novos atores políticos. Por meio da cultura se revelam novas dimensões do conflito social com seus respectivos atores, além de formas de luta e de resistência, o que é uma diversidade difícil de ser contida na categoria de *classe* ou dentro de uma ideologia político-partidária. Para entender as culturas populares devem ser superadas as perspectivas patrimonialistas, nas quais memória e tradições são conservadas nos museus, e olhar para elas como um campo conflituoso em que os sujeitos constroem identidades (MARTÍN-BARBERO, p. 126). O autor propõe a adoção de uma cultura política que transcenda o instrumentalismo que reduz o significado e as funções da política e da cultura, impossibilitando a interpretação da convergência entre as duas. Assim é possível pensar os processos comunicativos a partir da cultura, o que quer dizer deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Isso significa se afastar da segurança que proporcionava a redução da problemática da comunicação às tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 1991, p. 226). Martín-Barbero (2002, p. 227) propõe um mapa das mediações que tem dos eixos. O primeiro (diacrônico) compreende os formatos industriais e as matrizes culturais. O segundo eixo (sincrônico) captura as competências de recepção ou consumo e as lógicas de produção. A articulação entre os elementos de cada eixo acontece por meio das mediações

comunicativas da cultura que são a institucionalidade, a socialidade, a tecnicidade, e as ritualidades<sup>4</sup>.

### 3. Comunicação alternativa

O status epistemológico da comunicação alternativa continua sendo controverso. Corrales e Hernández (2009) apontam que a origem e a finalidade da comunicação alternativa são eminentemente práticas, ou seja, sua origem não está no terreno teórico, mas na *práxis* mesma, tanto dos movimentos sociais quanto das primeiras instituições de ajuda para o desenvolvimento.

Na década de 1960, as ditaduras cívico militares e os governos autoritários chegaram ao poder na maioria dos países da América Latina. Acanda (2002) afirma que a crise das instituições estatais e dos partidos políticos tradicionais motivou o protagonismo dos movimentos populares de resistência contra a dominação. Nesse contexto, diversas organizações são identificadas como integrantes da sociedade civil, isto é, uma nova força para exigir do Estado menos repressão e mais responsabilidade social. Os setores camponeses, indígenas, as mulheres, as associações cristãs de base, operários e intelectuais ganharam força na esfera pública e se valeram da comunicação para reclamar seus direitos e expor suas demandas<sup>5</sup>. A falta de acesso aos meios tradicionais fez com que esses coletivos procurassem seus próprios veículos de expressão e elaborassem ações comunicativas em decorrência de suas possibilidades, interesses e objetivos de luta. Essas expressões chamaram a atenção de diferentes estudiosos.

Martín-Barbero (2002, p. 160) afirma que o que hoje são apresentados como “meios cidadãos” já estiveram na pauta das discussões sobre a comunicação popular e a comunicação alternativa. Ainda influenciada pelo enfoque *difusionista*, a abordagem da comunicação alternativa, como objeto de estudo, começou na década de 1980 por causa do interesse nos meios usados pela sociedade civil nas suas lutas contra os regimes autoritários. Algumas das primeiras aproximações teóricas foram realizadas pelos pesquisadores Beltrán (Bolívia), Díaz Bordenave (Paraguai), Kaplún (Uruguay) e Freire (Brasil). Eles contribuíram para a sistematização dessas experiências e, ao mesmo tempo, fizeram fortes críticas ao caráter verticalizado, economicista e etnocêntrico dos programas de extensão que então dominavam no continente. Isso marcou o surgimento do paradigma participativo (CORRALES; HERNÁNDEZ, 2009).

---

<sup>4</sup>Para detalhes consultar: MARTÍN-BARBERO. J. Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. México, Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 227.

<sup>5</sup>Nesse sentido, poderia afirmar-se que na América Latina a comunicação alternativa está ligada à luta dos povos pela democracia e a justiça social.

Não é por acaso que, em julho de 1980, Martín-Barbero apresentou na Conferência da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC), em Bogotá, na Colômbia, um relatório intitulado *Retos a la investigación de comunicación en América Latina*. Nesse documento, que se converteria no roteiro dos estudos da área durante mais de uma década, se configuravam como campos estratégicos para pesquisa “a ordem ou estrutura internacional da informação, o desenvolvimento das tecnologias que fusionam as telecomunicações com a informática, a comunicação participativa, a alternativa e/ou popular” (MARTÍN-BARBERO, 1980, p. 10; 2002, p. 113, tradução nossa). Cinco anos depois, em *De los medios a las mediaciones*, o autor reconheceu que o abandono do “mídia-centrismo”, que por décadas dominou a pesquisa, foi consequência “das forças visíveis com as que os movimentos sociais fazem as mediações” (MARTÍN-BARBERO, 1991 p. 233, tradução nossa).

No son únicamente los límites del modelo hegemónico los que nos han exigido cambiar de paradigma. Fueron los tercos hechos, los procesos sociales de América Latina, los que nos están cambiando el *objeto* de estudio a los investigadores de comunicación. Para percibir esto no hay más que ojear los títulos de seminarios y congresos latinoamericanos sobre comunicación en estos últimos cinco años y constatar la presencia obsesiva de los términos *transnacionalización, democracia, cultura y movimiento popular* (MARTÍN-BARBERO, 1991 p. 224).

Não obstante, Gumucio Dagron (2004) afirma que a comunicação para a mudança social foi considerada um conceito acadêmico relevante no final de década de 1990, quando os promotores da comunicação para o desenvolvimento propuseram essa definição. A intenção se afastava da matriz pós-colonial e economicista de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, estabelecia as bases para o novo século, apoiada em um paradigma que ponderava o dialógico e o participativo, aliado a uma mudança ajustada às dinâmicas comunitárias. Nesse terreno observamos as contradições entre paradigmas de diferentes origens: de um lado o paradigma “modernizador” procedente do Norte desenvolvido<sup>6</sup>; e do outro lado o paradigma “participativo”, que sobrepõe a inclusão diante do determinismo tecnológico e propõe o uso dos meios de comunicação em prol do desenvolvimento dos povos (BELTRÁN, 1993).

Beltrán (1993) conseguiu juntar, dentro de uma definição, noções e conceitos que se referiam a um mesmo objeto:

---

<sup>6</sup> No final da década de 1950 surgiu a primeira abordagem acadêmica da comunicação para o desenvolvimento com a visão modernizadora de autores americanos Daniel Lerner (1958), Wilbur Schramm (1964) e Everett Rogers (1962.1969), que concentraram a atenção na difusão das inovações e das tecnologias.

La comunicación de desarrollo, en la cual se considera que los medios de comunicación, en esencia, tienen la capacidad de crear el ambiente para el cambio social. La comunicación de apoyo al desarrollo, la noción de que la comunicación es clave para llevar a cabo los proyectos de desarrollo, sea masiva o no. Y la comunicación alternativa para el desarrollo democrático, que significa la participación de la gente en los medios masivos o interpersonales, en busca de justicia social y equilibrio de informaciones y oportunidades para todos (BELTRÁN, 1993).

Moragas (1979 *apud* ROSELLÓ, 2007, p. 20) considera que um projeto de comunicação é alternativo quando gera um novo modelo comunicativo, novos estilos e linguagem, quando foca o seu interesse nos aspectos da realidade social que são esquecidos ou marginalizados pelos meios hegemônicos. Ou seja, que entendem a comunicação como processo social alternativo.

[...] difiere en forma, función y contenido al proceso social propuesto por el sistema dominante, generalmente guiado por la relación del gobierno y los medios de comunicación tradicionales. El gran acierto de los medios alternativos es que nacen a partir de la visión de los propios individuos, aquellos que en su diario existir son partícipes de la realidad social. Es así como la comunicación alternativa se define como aquella *no autoritaria* que surge de la necesidad de comunicar la realidad de la vida social (CORRALES; HERNÁNDEZ, 2009, grifo nosso).

A presença das culturas populares em todo meio que se define como alternativo é defendida por Martín-Barbero (2002). Para ele, a comunicação será alternativa quando o processo e a forma dominante e normatizada da comunicação social são transformados para que as classes e os grupos dominados consigam falar e se tornar visíveis. Resgatando o legado do educador e comunicador popular Paulo Freire, Martín-Barbero reafirma que o alternativo se vincula mais à libertação da fala, da atividade e da criatividade popular, e não necessariamente ao alcance ou ao tipo de veículo utilizado (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 118, tradução nossa). Diante dessa perspectiva, a comunicação será alternativa

[...] si junto al lenguaje del medio se investigan también los códigos de percepción y reconocimiento, los dispositivos de enunciación de lo popular, códigos y dispositivos en los que se materializan y expresan, confundidos ya, la memoria popular y el imaginario de masa (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 121).

Martín-Barbero concorda com Vidal (1979) quando expressa que “o alternativo é popular ou se tornam brinquedos e/ou aparelhos de dominação” e agrega que, no alternativo, o caráter popular possibilita a expressão das aspirações e expectativas coletivas

produzidas por e pelos grupos sociais da base (VIDAL, 1979 *apud* MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 118).

Em decorrência da manutenção desses projetos, Chaguaceda (2011, p. 2) explica que, geralmente, eles não procuram financiamento ou suporte governamental ou comercial para funcionar. O autofinanciamento e as doações dos próprios gestores e públicos garantem o controle da agenda. São veículos promovidos por atores sociais que convivem dentro de regimes de censura de onde o acesso e a distribuição da informação podem ser controlados. Aliás, outra característica de um meio alternativo é a integração dos cidadãos que participam horizontalmente na produção social de comunicação. O pesquisador cubano supracitado conclui que os processos que constituem a comunicação alternativa organizada poderiam contribuir na formação de relações e práticas que fomentam espaços sociais não alienados pelos regimes e meios dominantes.

Vale ressaltar que os conceitos de comunicação participativa, alternativa e popular nem sempre são sinônimos. Recentemente, Martín-Barbero (2009) explicou as diferenças entre os meios de comunicação alternativos e comunitários. Ele assegura que, além do tamanho do meio, o caráter alternativo era dado pelo confronto com os meios hegemônicos. Entretanto, o comunitário está ligado à democratização, pois, “no fundo, os alternativos sempre se guiaram pela vanguarda política e sempre foram pouco democráticos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 160). Esse posicionamento explica não só os significados que temos apresentado que são atribuídos à comunicação alternativa, mas às formas que esta assume na realidade.

A comunicação alternativa se apresenta como um objeto instigante e dinâmico, já que sua natureza irá variar, em correspondência ao papel que jogam as mediações. Baseados nesse ponto de vista, nós preferimos falar de *graus* e *momentos* de alternatividade. Assim, é possível explicarmos como instituições midiáticas, como a cubana *Radio Rebelde*<sup>7</sup>, uma vez invertida a correlação de forças, deixou de ser um meio com certo grau de alternatividade para se converter em um meio hegemônico. Essa dualidade também emerge quando pensamos no caráter alternativo da multiestatal *Nueva Televisión del Sur* (Telesur)<sup>8</sup>. Vemos na *Telesur* um meio alternativo, diante das grandes transnacionais de informação que conformam um poder hegemônico mundial, mas essa TV não é alternativa nem participativa em relação aos cidadãos dos países onde ela opera.

---

<sup>7</sup> A *Radio Rebelde* foi fundada em fevereiro de 1958 na Sierra Maestra, durante a luta contra ditador Fulgencio Batista. Após a vitória dos rebeldes, se tornou a principal emissora oficial do Estado cubano.

<sup>8</sup> Consultar: Telesur. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/TeleSUR>>. Acesso em: 29/06/2015.

#### 4. Convergência digital

Há mais de 35 anos, Martín-Barbero (2002, p. 118) advertiu sobre o risco de exagerar sobre o papel em que jogam as tecnologias (inclusive aquelas que oferecem possibilidades de interação) na configuração dos processos de comunicação. Mesmo que rejeite o determinismo tecnológico que propunha a “velha ilusão mcluhiana”, considerando o meio como o configurador do caráter alternativo da comunicação, que através dele se realiza, Martín-Barbero não nega a possibilidade de que “as alternativas de comunicação popular” também possam envolver os meios massivos.

As TIC, especialmente a Internet, implicam uma nova racionalidade prática e a materialização de um novo modelo de sociedade que nos obriga a analisar o peso que as tecnologias têm nela (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 116). O modelo de rede tem contribuído para a consolidação do paradigma participativo, transformando “o modo mecânico da comunicação à distância pelo modo eletrônico da interface de proximidade” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 2). No ciberespaço, assistimos a uma multiplicação de iniciativas que se autodenominam alternativas. Na web 1.0 já estavam presentes diversas publicações e projetos que desafiam e, às vezes, conseguem concorrer com os meios tradicionais; a versão 2.0 trouxe uma interatividade que oferece melhores condições para experiências, como o chamado jornalismo cidadão. Por meio dele, os usuários se tornam produtores de conteúdos que se espalham pelos blogs, redes sociais, áudios, vídeos, imagens e textos. As grandes instituições midiáticas, antigamente protegidas pela “unidirecionalidade” do fluxo informacional, estabelecem relações horizontais com seus leitores, por meio de *chats*, espaços para comentários, etc. O mais significativo da revolução que a Internet provoca hoje não está na novidade das tecnologias, mas na configuração de um novo ecossistema comunicativo, “onde a tecnologia digital está configurando nossos modos de habitar o mundo e formas próprias de vínculos sociais” (MARTIN BARBERO, 2014, p. 24). Nesse ecossistema, a comunicação é a chave da transformação política.

A convergência digital faz da comunicação o lugar onde as pessoas começam a ter o poder que nunca tiveram, não só pelas múltiplas formas que adota a oralidade, mas pela visibilidade política que traz consigo novas formas de cidadania (MARTÍN BARBERO, 2009, p. 161). Nas mãos dos grupos “subalternos”, as TIC possibilitam a construção de uma contra-hegemônica (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 111), mas, ao mesmo tempo, continuam sendo um terreno dominado por empresas privadas que têm a capacidade de monitorar e de censurar conteúdos, bloquear ou cancelar o acesso de determinados usuários.

Trata-se de um espaço de perigos e incertezas, quase impossível de ignorar devido à sua penetração na maioria das instituições que conformam o sistema social, “midiatizando” suas lógicas e suas interações, como afirma Stig Hjarvard (2014).

Fernández (2007, p. 155) considera que os meios dos movimentos sociais na Internet se baseavam na democratização da comunicação e no direito das pessoas de se informarem. Também observou que, para esses coletivos, a comunicação tem uma intenção contra-hegemônica: a pluralidade, a liberdade de expressão, o resgate da memória coletiva e o respeito às diversas identidades e reivindicações. No entanto, o uso das TIC está mediado pela chamada *brecha digital*, que deve ser vista a partir de duas dimensões: a primeira em decorrência do acesso das pessoas às tecnologias e a segunda tem a ver com os modos de apropriação e utilização. O uso das possibilidades que a Internet oferece pode ser limitado pelas dificuldades derivadas de certo analfabetismo tecnológico (se o desconhecimento é total), ou por aquelas provocadas pela ausência, dentro dos sistemas de ensino, de disciplinas que propiciem a interação com as TIC. Outro obstáculo poder ser a linguagem utilizada nos conteúdos publicados nesse entorno, além de outras questões ligadas à *usabilidade*.

### **5. Comunicação alternativa no contexto cubano**

As medidas econômicas adotadas pelo Governo cubano após a desintegração da União Soviética e o fortalecimento do bloqueio/embargo dos Estados Unidos provocaram profundas mudanças no tecido social cubano. Se, na década de 1980, a categoria *classe social* não conseguia agrupar a diversidade cultural e de lutas presente na América Latina, em Cuba, desde a década de 1990, a categoria de *povo (pueblo)* é tensionada em meio a uma crescente estratificação social que faz perceptível a desigualdade e a pobreza que antes o igualitarismo conseguia atenuar. Nesse contexto de crise sistêmica, são alçadas velhas e novas vozes que advogam por diferentes projetos de país. Não obstante, a expressão dessa diversidade não se reflete nos meios de comunicação pública, que, agrupados no Instituto Cubano de Radio e Televisão (ICRT), constituem um monopólio<sup>9</sup> subordinado ao Departamento Ideológico do Comitê Central do Partido Comunista, que também monitora as publicações impressas que se distribuem nas bancas de jornais em toda Ilha. Esses veículos (porta-vozes da trindade Partido-Estado-Governo) se caracterizam pela escassez de conteúdos que representam a diversidade existente na sociedade atual. Os espaços oficiais e semi-oficiais para o debate de temas de interesse público e a troca de ideias ainda são poucos e a imprensa não acompanha esses encontros.

---

<sup>9</sup> Entre 1959 e 1961, a totalidade da mídia privada foi nacionalizada.



Por outro lado, os cidadãos e grupos opositores não podem fazer uso da mídia estatal, mas ganham espaço nos meios internacionais, criando agências de notícias “independentes” que até hoje operam na ilegalidade, com jornalistas que são identificados como “mercenários”, devido ao apoio financeiro que o Governo dos Estados Unidos lhes oferece. Entre os dois extremos, localizam-se pessoas e coletivos, mediante diversas formas de expressão que propõem um socialismo mais democrático, pluralista e participativo, no qual as relações Estado-sociedade civil não estejam dominadas por relações de subordinação e modelos de comunicação verticalizados. Eis o habitat de grupos anarquistas, marxistas críticos, ecologistas, de projetos comunitários, de projetos culturais independentes, de ativistas pelos direitos da comunidade LGTB e contra discriminação racial, de pesquisadores empenhados na inclusão do popular na narrativa histórica, entre outros. Ignorados tanto pelos meios nacionais quanto pelos internacionais, esses coletivos procuram veículos próprios de expressão e visualização, e a Internet lhes oferece essa oportunidade.

No entanto, Cuba é um dos países do mundo com menor índice de pessoas conectadas à Internet. Segundo a *Oficina Nacional de Estadísticas e Información de Cuba*, em 2013 só 26% da população tinha acesso à rede mundial. Esse número inclui o acesso à intranet nacional, que só oferece serviço de correio eletrônico e a consulta dos sites hospedados em servidores cubanos (DÍAZ; GONZÁLEZ, 2015). Recio (2013, p. 296) assegura que não se trata de Internet *full access* para todos os casos, nem de usuários que usam a rede constantemente ou sempre que eles o desejem ou precisem<sup>10</sup>. Apesar disso, a paulatina socialização das TIC tem favorecido o aparecimento de novos lugares de fala e sujeitos políticos, além da visualização de outros que não obtinham espaço na mídia. Hoje, observamos uma maior circulação de discursos gerados na periferia da esfera pública política, contudo, a interação dos cubanos com as TIC em geral e com a Internet em particular tem contribuído para diminuir a eficácia simbólica do monopólio informativo estatal (CHAGUACEDA, 2011; HOFFMAN, 2011; MARREIRO, 2014).

A socialização das TIC em Cuba tem diversificado exponencialmente o acesso do público à informação. Multiplicaram-se as vias formais e informais de circulação de notícias, proliferou-se uma vigorosa blogosfera partilhada entre numerosos setores e as redes sociais (GARCÉS, 2013). O ciberespaço tem tornado público temas que permaneciam

---

<sup>10</sup>A socialização da Internet em Cuba está condicionada pelas dificuldades econômicas que em decorrência do bloqueio/embargo dos Estados Unidos (que dificultam a compra de tecnologias e a conexão aos cabos operados por empresas estadunidenses que passam perto a Ilha), de outras questões ligadas à segurança nacional, receios sobre o potencial das TIC para a subversão e falta de uma política regulatória articulada (RECIO, 2013).

no âmbito privado ou dentro de espaços públicos com acesso restrito. Blogs, revistas virtuais e redes sociais são indicadores da pluralidade presente na sociedade cubana contemporânea, e vai além das disputas entre Yoani Sánchez e os blogueiros governistas.

No contexto cubano atual, a alternatividade está dada pela interação de um projeto comunicacional determinado dentro do universo de relações sociais, políticas e institucionais que o confronta com os meios dominantes. “Esse confronto não se limita a questões discursivas, mas propõe novas formas de organização e gestão, de estrutura e de programação”, gerando uma “comunidade gestora baseada em laços de solidariedade e compromisso mútuos” (HERNÁNDEZ; CHAGUACEDA 2013, tradução nossa). Em Cuba, podemos identificar veículos digitais com essas características, um deles é o blog da Red Protagónica Observatório Crítico (RPOC).

Fundada em 2003 por um grupo de jovens intelectuais, a *Cátedra de Pensamiento Crítico y Culturas Emergentes “Haydée Santamaría”* (KHS) foi a gênese da RPOC. Esse projeto autônomo (sem apoio institucional) promovia o debate sobre temas da realidade nacional e internacional que eram pouco ou nada abordados nos espaços públicos oficiais. Após operar na informalidade entre 2005 e 2009, a KHS se vinculou à *Asociación Hermanos Saíz* (AHS)<sup>11</sup>. Com o auspício da AHS, a Cátedra organizou encontros nacionais sobre pensamento político, social e cultural, identificados como *Observatorio Crítico* (OC). Em 2009, durante o terceiro desses encontros, os participantes acordaram em criar a *Red Protagónica Observatorio Crítico* (RPOC) como plataforma de coordenação entre os projetos que integravam o OC (NEGRETE, 2015). Tratava-se uma nova proposta com uma potência de emancipação, dentro do panorama político cultural cubano. A igualdade e o protagonismo compartilhado são os principais valores da RPOC (CLACSO, 2010). Como qualquer rede, a estrutura não era hierarquizada e prevaleceram as relações e práticas comunicativas horizontais. Nessa experiência concretizam-se alguns dos pressupostos do campo da comunicação alternativa apresentados na primeira parte desse texto.

A RPOC é um projeto autogestionado que, dentro de um contexto autoritário, defende sua autonomia, a definição da sua identidade e de uma agenda fora das estruturas formais do Estado, do Partido e das empresas. Nesse sentido, assemelha-se aos movimentos sociais. Entendem autogestão como a capacidade de gerar recursos para sua manutenção. Além de articular os coletivos, a RPOC se insere em outros espaços comunicativos como uma proposta que gera um contradiscurso em relação ao discurso oficial e ao discurso

---

<sup>11</sup> A AHS é uma organização oficial cubana que agrupa jovens que se desenvolvem no âmbito das artes, das letras e da pesquisa sociocultural.

oposicionista, mas sem renunciar à defesa do socialismo a partir bases teóricas e ações práticas próprias. A RPOC é responsável por um boletim-resumo que é enviado por correio eletrônico, meio imprescindível considerando-se as limitações do acesso à Internet.

Em 2011, o coletivo decidiu abrir um blog para aproveitar as vantagens da plataforma *Wordpress.com*. Nessa plataforma, são publicados textos que narram as ações realizadas pelos projetos que integram a Rede, com análises e comentários sobre a situação do país em âmbitos econômico, político e social. Sem comprometer a rigorosidade dos razoamentos, os autores (geralmente intelectuais) falam do lugar de um cidadão que sofre as mesmas dificuldades e incertezas. O *blog* é uma ferramenta cujo atrativo principal, segundo Chaguaceda (2015), “era oferecer visibilidade para um grupo de jovens que estava pensando por conta própria desde a esquerda, mas fora do discurso oficial”. A RPOC também tem um perfil na rede social *Facebook*<sup>12</sup>.

A pluralidade de vozes coloca em tensão as pretensões totalizadoras da categoria *povo*. Ainda que continue presente no discurso político oficial, termos como “sociedade civil” e “cidadania” parecem ser os mais usados nas discussões organizadas por instituições e publicações acadêmicas. Rompendo com a tradicional homogeneidade, Negrete (2015) afirma que o *blog* não procura ser uma representação da sociedade cubana em geral, mas de um grupo que se identifica com um discurso, que propõe um projeto cultural e político próprio. Mesmo assim, é um espaço de “portas abertas”, com uma política editorial transparente, que pode ser consultada pelas pessoas que desejem colaborar enviando conteúdos. De fato, os blogs não só publicam os textos produzidos pelos integrantes da Rede, é possível ler outros autores e encontrar links que levam a sites de outros autores e grupos. Negrete acrescenta que uma das regras do blog é não publicar textos de direita que promovam o liberalismo econômico, mas sim que produzam debates entre integrantes do Observatório e outros atores sociais, sejam estes governistas ou oposicionistas.

Apesar de não ter acesso a estudos de recepção nem a estatísticas do blog, Chaguaceda (2015) afirma que houve momentos nos quais o site recebeu muitas visitas, em que foram publicados muitos *posts* e houve maior visibilidade. Reconhece que, ainda que sem números concretos, se percebe uma diminuição das visitas e se repetem os mesmos autores. Segundo ele, o baixo acesso à Internet que tem a população cubana é um dos fatores que limitam o conhecimento sobre o ativismo que a Rede realiza.

O RPOC é conhecido nas comunidades e espaços onde intervém e numa parte do âmbito intelectual, mas é pouco perceptível para aquelas pessoas que não têm acesso a

---

<sup>12</sup> Disponível em: < <https://goo.gl/IDCTWv>>.

fontes de informação alternativas às tradicionais. Outro fator importante é a fragmentação entre as esferas públicas em Cuba, devido à falta de canais de comunicação entre a população em si mesma, e entre os intelectuais e a população em geral. Trata-se, acrescenta Chaguaceda (2015), de um espaço público mediado quase que completamente pelo Estado.

Outra questão que, no nosso olhar, poderia estar atingindo o interesse dos leitores pelo blog, além do tom acadêmico e de alguns textos, é a baixa presença de conteúdos multimídia. Ainda que o discurso crítico tenha atraído o interesse e os comentários de alguns leitores, o blog deverá chamar a atenção do crescente número de cubanos que se conectarão à Internet durante os próximos anos.

Diferentemente de outras iniciativas, o ambiente virtual não é o principal espaço de ativismo para os integrantes do RPOC, mas sim: intervenções em comunidades, ações de saneamento ambiental, debates públicos e encontros como a Jornada “Primavera Libertaria de La Habana”<sup>13</sup>. Sobre a Jornada, Castillo (2015 *apud* DÍAZ, 2015) considera que esse evento permite estabelecer vínculos com pessoas que formam parte de outros setores e que podem ser proveitosos para o trabalho social. Negrete (2015) relembra outras iniciativas, como a presença de integrantes da RPOC em praças públicas para distribuir livros digitais em discos compactos.

Outras ações que procuram a valorização da cultura popular, especialmente do legado de origem africana, os resgates de praças e monumentos que estavam em desuso, etc. (CHAGUACEDA, 2015). Os integrantes da RPOC também colaboram com outros projetos alternativos como o jornal digital *Havana Times*, a revista católica *Espacio Laical* e os debates organizados pela revista semioficial *Temas*. Alguns de seus membros fazem parte tanto das redes e equipes de instituições regionais, como do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais e da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (CLACSO, 2010). O ano 2013 foi de grande ativismo. A RPOC acompanhou o processo de consulta ao povo que antecedeu a votação na Assembleia Nacional do novo Código de Trabalho e Previdência Social, organizando um debate independente dos convocados pelo Governo e coordenado pela Central de Trabalhadores de Cuba (CTC)<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> É “un espacio abierto a procesos y dinámicas antiautoritarias y anticapitalistas, que tributen a formas de sociabilidad y de conciencia basadas en la horizontalidad, el aprendizaje mutuo y la responsabilidad” (TORRES, 2015). Disponível em: <<http://goo.gl/3tpSwG>>. Acesso em: 24/05/2015.

<sup>14</sup> Díaz e Prieto (2013) afirmaram que o conteúdo da nova legislação trabalhista favorecia a exploração dos trabalhadores reduzindo o poder deles e dos sindicatos e agregou que “estas posibilidades son actualmente el objeto de la nuestra más intensa campaña de crítica y denuncia, como puede encontrarse en nuestras recientes publicaciones y como hacemos público en todos los espacios que se ponen a nuestro alcance”.

Em 29 de setembro de 2013, a Rede realizou um debate aberto, em uma praça localizada no centro de Havana<sup>15</sup>. Após do encontro, foi publicada uma declaração<sup>16</sup> que rejeitou o projeto governista e exigia que fosse feita, entre outras questões, a inclusão da regulação do direito de greve (inexistente em Cuba) e de lutar por melhorias salariais. A partir das discussões elaborou-se um documento propositivo<sup>17</sup> que foi entregue ao diretório nacional da CTC (PRIETO; DÍAZ, 2014, p. 43-44) em 15 de outubro de 2013, dois meses antes do debate no parlamento. Segundo o blogueiro Yohan Duany, a *central sindical cubana* nunca respondeu às propostas do OC (DUANY, 2015).

## 6. Considerações finais

Na década de 1980, a comunicação alternativa foi considerada como um campo estratégico. Os estudos sobre o tema na América Latina começaram a partir de um paradigma próprio. O termo tem sido associado à democratização, à mudança social e ao desenvolvimento. Martín-Barbero (2009) assegura que a comunicação é alternativa quando se opõe às mídias e práticas hegemônicas e, ao mesmo tempo, é popular. Nós também consideramos as interações que essas práticas e veículos comunicacionais estabelecem com as instituições do sistema social, político, inclusive com entidades internacionais e transnacionais. Por isso, consideramos momentos e graus de alternatividade. Sem cair na armadilha do determinismo tecnológico, observamos o papel desempenhado pelas TIC na consolidação do paradigma dialógico e no aparecimento de novas subjetividades, cenários políticos e formas de ativismo que demonstram a pluralidade presente na sociedade cubana contemporânea. A RPOC nos ajuda a compreender como se manifesta na prática alguns dos tópicos presentes em algumas das discussões teóricas que tentamos resumir nesse artigo. Por meio da internet, esse coletivo e outros coletivos desafiam o monopólio midiático estatal e contribuem para a visibilidade dos novos atores e discursos.

Embora esta tenha sido uma abordagem preliminar, esperamos, com este trabalho, ter contribuído com a compreensão sobre a comunicação alternativa como um foco de resistência e de dissenso em contextos como o de Cuba ou da maioria dos países da América Latina, onde o autoritarismo adquire outros matizes, às vezes menos perceptíveis.

---

<sup>15</sup> Consultar: Observatorio Crítico de Cuba debate Código de trabajo públicamente. In: Havana Times. Disponível em: <<http://goo.gl/EosRVl>>. Acesso em: 24/05/2015.

<sup>16</sup> Consultar: Rechazo público a proyecto de restauración capitalista. Disponível em: <<http://goo.gl/Y9Nqy6>>. Acesso em: 24/05/2015.

<sup>17</sup> Consultar: Observatorio Crítico entrega a la CTC nacional consideraciones sobre Anteproyecto de Código Laboral. Disponível em: <<http://goo.gl/FTXtyu>>.

## REFERÊNCIAS

- BELTRÁN, L. R. La comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: un recuento de medio siglo. Documento presentado al III Congreso Panamericano de la comunicación. 1993. Disponível em: < <https://goo.gl/phB6bx>>. Acesso em: 03/05/2015.
- CHAGUACEDA, A. Medios y esfera(s) pública(s) en Cuba: entre los malestares y los sueños. In: Espacio Laical. No.147 Octubre 2011.
- CHAGUACEDA, A. Entrevista concedida aos autores. Maio de 2015.
- CLACSO. Observatorio Crítico: red de proyectos y colectivos para la reflexión y transformación social en Cuba, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/y8WF0A>> Acesso em: 24/04/2015.
- CORRALES, F.; HERNÁNDEZ, H. G. La comunicación alternativa en nuestros días: un acercamiento a los medios de la alternancia y la participación. Disponível em: < <http://goo.gl/3mbwzK>>. Acesso em: 10/07/2013.
- DE MORAGAS, M. Sociología de la comunicación de masas. Barcelona: Gustavo Gili (1a edición). 1979.
- DÍAZ, R; PRIETO, D. Rechazo público a proyecto de restauración capitalista. In: Blog Observatorio Crítico. 30/09/2013. Disponível em: < <http://goo.gl/gSpd91> >. Acesso em: 24/06/2015.
- DÍAZ, I. ¿Qué es el observatorio crítico?, marzo 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/lw2LMz>> Acesso em: 24/04/2015.
- \_\_\_\_\_. Segunda Jornada Primavera Libertaria de La Habana. In: Havana Times, Febrero 16, 2015. Disponível em:<<http://goo.gl/Bg3SCj>>. Acesso em:24/06/2015.
- DUANY, Y. Entrevista concedida aos autores. Maio de 2015.
- ESCOSTEGUY, D. Cartografias dos estudos culturais. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERNÁNDEZ, M. “La Reimaginación comunicativa: síntomas de la emergencia de un Sujeto en red”. Tesis de licenciatura. Facultad de Comunicación, Universidad de La Habana, 2007
- GARCÉS, R. La prensa cubana, en la encrucijada. In: Cubahora. 15/03/2013. Diponível em: <<http://goo.gl/XIRiCR>>. Acesso em: 3/03/2015.
- HERNÁNDEZ, I; CHAGUACEDA, A. La comunicación alternativa y los medios comunitarios en Nicaragua: la experiencia del colectivo Agentes de Cambio. In: Revista Quorum Académico, 10 (1). 2013. pp. 63-86.
- HOFFMAN, B. “*Civil Society 2.0?: How the Internet Changes State-Society Relations in Authoritarian Regimes: The Case of Cuba*. GIGA) Working Papers, no. 156, January 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/HmMghL>>. Acesso em: 2/12/2014.

HJARVARD, S. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. In: Matrizes V. 8 – N<sup>o</sup>1 jan/ jun. São Paulo, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía (2<sup>da</sup> edición). Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A, 1991.

\_\_\_\_\_. Retos de a la investigación de comunicación en América Latina. Disponível em: <<http://goo.gl/3XkbQ4>>. Acesso em: 10/02/2014.

\_\_\_\_\_. Diversidade em convergência. In: Revista Matrizes V. 8 - N<sup>o</sup> 2 jul./dez. São Paulo – Brasil, 2014.

\_\_\_\_\_. Uma aventura epistemológica. Entrevista concedida a Maria Immacolata Vassallo de Lopes. In: Revista Matrizes Ano 2 – n<sup>o</sup> 2 primeiro semestre de 2009.

\_\_\_\_\_. Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Fondo de Cultura Económica. México D.F, 2002.

\_\_\_\_\_. In: HOPENHAYN, M.; SOJO, A (coord). Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas. Cap. 4, p. 115-128. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2011.

MARREIRO. F. Continuity and change in the Cuban media under Raúl Castro. Reuters Institute for the Study of Journalism. University of Oxford. Disponível em: <<http://goo.gl/jDbU7n>>. Acesso em: 2/12/2014.

NEGRETE. K. Entrevista concedida aos autores. Maio de 2015.

PRIETO. D; DÍAZ. I. Las reformas cubanas: imaginarios, contestaciones y miradas críticas. In: Revista OSAL. Observatorio Social de América Latina. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Año XIV N<sup>o</sup> 36 / publicación semestral / Diciembre 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/nhdv1v>>. Acesso em: 24/04/2015.

RECIO. M. La hora de los desconectados. In: Revista Crítica y emancipación. Año VI N<sup>o</sup> 11 Primer Semestre 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/8PjXUA>> Acesso em: 24/04/2015.

ROCHA, S. M; LOPES, L. Gênero televisivo como mediação: possibilidades metodológicas para análise cultural da televisão. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012.

ROSELLÓ, T. “Universidades al aire. Una propuesta participativa para la Televisión Universitaria Cubana”. Tesis en opción del Máster en Desarrollo Social Caribeño. FLACSO-UH, 2007.